

Silvio se foi, e agora?¹

Miriam Pillar Grossi

Silvio Coelho dos Santos se foi no último domingo de outubro de 2008. Sentimo-nos, de repente, todos órfãos de um mestre iluminador que recém havia completado 70 anos. No velório, observando cada um de nós, seus colegas da UFSC, ali presentes, percebia que todos se sentiam seus herdeiros, mesmo aqueles que não eram antropólogos. E me dei conta de que efetivamente todos estávamos certos em nossos sentimentos e convicções, pois ele tinha, em cada um de nós, seguidores de determinadas áreas de sua vida acadêmica.

Para uns, o vínculo com Silvio era a causa indígena, tão bem representada, no momento final de seu velório, pela chegada de um índio kaingang que colocou sobre seu corpo um cocar de plumas e abriu, em silêncio, um cartaz em cartolina azul no qual fazia sua homenagem e, através dela, a de todos os grupos indígenas que Silvio havia defendido durante toda a sua carreira. Como ele sempre contava a respeito do início de suas pesquisas com grupos indígenas do sul, tal projeto fora uma demanda de Roberto Cardoso de Oliveira, seu professor no curso de especialização em Antropologia no Museu Nacional, com quem ele e a paranaense Cecilia Helm haviam sido iniciados na antropologia e no trabalho de campo com grupos indígenas. Silvio gostava desses “acazos” de sua vida e nos contava como havia sido levado por eles em várias de suas escolhas. Lembrava muitas vezes, dentre eles, o de ter sido recebido na USP, no meio das férias de verão, por Egon Schaden, antropólogo catarinense como ele, e como este encontro havia sido importante para sua definição pela antropologia no início de sua carreira: *“Voltando do Rio de Janeiro, onde tinha ido fazer a seleção para o curso de especialização no Museu Nacional, parei em São Paulo e fui na USP, bati na sua porta e por acaso ele estava lá e me atendeu com muita gentileza”*.

Percebia também, na despedida de Silvio, que outros colegas se sentiam mais próximos de seu lado “interdisciplinar”, expresso, sobretudo, em seus vínculos históricos com as áreas da Educação e do Direito, dois campos aos quais ele ofereceu importantes contribuições, dialogando enquanto antropólogo com tais saberes disciplinares, em particular no que dizia respeito à educação e aos direitos dos povos indígenas. Este diálogo era uma “tradução” em dois sentidos, pois ele também trazia para a Antropologia questões e problematizações desses outros campos.

Silvio era um ótimo contador de histórias, e todos que conviviam com ele estavam sempre imersos em narrativas detalhadas sobre os mais diferentes assuntos. Ele sempre lembrava, nas entrevistas que concedia, seus primeiros tempos de jovem professor de uma escola primária,

1 Uma versão em francês deste artigo, foi publicada in VIBRANT 6.1, ABA, 2009.

Agradeço Fernanda Cardozo pela generosa contribuição a este artigo, através da revisão e da elaboração da bibliografia de Silvio Coelho dos Santos.

localizada no interior da Ilha de Santa Catarina, na então muito distante do centro de Florianópolis *Freguesia do Rio Vermelho*. Contava que lá havia aprendido muito com seus alunos e suas famílias de pescadores/agricultores e produzido sua primeira etnografia como uma das exigências para a seleção do curso do Museu Nacional. Deste primeiro estudo, do qual não temos registro publicado, ele trazia sempre em sala de aula dados e *insights* sobre as crenças, a divisão do trabalho e os processos de mudança social que ocorreram em todas as comunidades pesqueiras/rurais do interior da Ilha de Santa Catarina com o processo de modernização que se iniciou nos anos 1970 por intermédio da abertura da estrada BR 101 e da chegada dos primeiros turistas e moradores “de fora” no território ilhéu. Esta é hoje uma das mais antigas linhas de pesquisa do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e tema também de dezenas de Monografias de conclusão do curso de Ciências Sociais da UFSC, apesar da ausência de referências a Coelho dos Santos nas bibliografias, uma vez que seus ensinamentos sobre o tema eram transmitidos muito mais de forma oral — como nas tradições das sociedades que ele estudava — do que através de uma obra de referência.

Em seu enterro, vi também colegas, antropólog@s e sociológ@s, que haviam participado de suas pesquisas sobre o impacto dos Grandes Projetos de Desenvolvimento em populações indígenas e camponesas, área da qual ele foi um dos pioneiros no Brasil, abrindo um campo de reflexão que depois viria a se tornar uma importante área de pesquisa na Antropologia latino-americana. Estes projetos haviam sido seu objeto central de estudos nos anos 1980; e fora pela necessidade de um espaço físico para os acervos acumulados e para acolher os primeiros bolsistas de Iniciação Científica em Antropologia que Silvio criou naquele momento o *Laboratório de Antropologia* (LAS), num espaço aberto do então “novo” prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas que dava para uma sacada – espaço que depois seria apropriado por inúmeros outros núcleos de pesquisa. Mais tarde, o NEPI – Núcleo de Estudos de Populações Indígenas – viria a substituir o núcleo anterior, vinculado ao estudo de Grandes Projetos de Desenvolvimento, mas os espaços arduamente conquistados no CFH eram sempre pequenos para o impressionante acervo que Silvio acumulava com material de várias de suas pesquisas e de trabalhos sobre temas de interesse de sua equipe.

Ao escutar as várias falas ditas no momento ritual final de seu velório, antes da partida definitiva de seu corpo para o crematório, percebia que muitas pessoas se sentiam responsáveis por seu legado político, na marca que ele deixou nos diferentes lugares que administrou em sua permanência na UFSC: nos anos 1970, na direção do Museu de Antropologia (atualmente Museu Universitário) e na coordenação do então recém criado Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais; nos anos 1980, na pró-reitoria de pesquisa e extensão, na gestão do reitor Ernani Bayer, ao longo da qual ele sustentou a criação de vários cursos de pós-graduação e fundou a Editora

Universitária, trazendo, de seu exílio político no Rio de Janeiro, o escritor Salim Miguel para dirigi-la; no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, criado pelo desmembramento do Programa de Ciências Sociais no final dos anos 1980, e na chefia do departamento de Ciências Sociais, já no início dos anos 1990, antes da formação do departamento de Antropologia.

Também foram lembrados seu legado e seu engajamento nas causas da política científica e tecnológica: por seu longo envolvimento com a ABA, com a SBPC e com a luta pela implantação de uma fundação de política científica e tecnológica no Estado de Santa Catarina, a qual resultou na FAPESC – fundação que recém começa a fortalecer-se no Estado e sobre a qual ele tinha um olhar aguçadamente crítico em sua distribuição prioritária de recursos para as áreas “produtivas”, muito mais vinculadas às Engenharias do que às Ciências Humanas.

Canceriano, nascido em 12 de julho de 1938, ele era um legítimo representante de seu signo no prazer que tinha de juntar pessoas, de produzir grupos, de transmitir seu conhecimento às novas gerações e de alimentar a todos. Seus churrascos na casa de praia em Cachoeira do Bom Jesus eram acontecimentos rituais que marcavam nosso calendário escolar, sempre no início e no final do ano e obrigatoriamente quando algum colega “estrangeiro” estava de passagem pela Ilha. Nesses eventos, ele mesmo assava a carne; e compartilhava generosamente com os presentes, além da comida e da farta bebida (ele tinha predileção por um bom whisky), histórias e memórias da antropologia catarinense e brasileira. Foi ali que descobrimos inúmeros detalhes de seu trabalho de campo, de seus embates políticos na UFSC, dos aprendizados com o duríssimo professor Oswaldo Rodrigues Cabral, médico autodidata na antropologia, mas profundo conhecedor dos clássicos da disciplina e incentivador de uma antropologia de “quatro campos”, no modelo de Franz Boas, na UFSC. Como contava Silvio, nos anos 1950 e 1960 a Antropologia era ensinada apenas como disciplina obrigatória de História e Geografia, e foi ali que ele e outros colegas de sua geração aprenderam antropologia e ajudaram a criar, nos anos 1970, não sem uma profunda desconfiança de Silvio, o curso de Ciências Sociais da UFSC no início dos anos 1970, após a implantação pioneira na UFSC da Reforma Universitária, que transformou as então “carreiras” em cursos semestrais.

Silvio sempre lembrava que, como assistente do Prof. Cabral, tinha de estar em sala de aula às 7h30min da segunda-feira e que isto significava para ele, professor iniciante, passar domingos inteiros estudando para preparar suas aulas. Lembrava ele que, se *“fosse mais velho, já com família constituída, isto não teria importância”*, mas naquele tempo ele estava namorando Alair, *“moça de boa família da Avenida Trompowski”*, numa época em que os namoros tinham dias e horas reguladas, de maneira que as horas perdidas de namoro no domingo não podiam ser *“recuperadas”* durante a semana.

Após vários anos de convivência, sabíamos já quase de cor as histórias do Prof. Cabral e suas brigas com a reitoria quando da reforma universitária que acabou com os Institutos e, portanto,

com o Instituto de Antropologia, que, por uma ação rápida de Silvio e de outros colaboradores, foi renomeado “Museu”. Cabral, que “*não era um homem de aceitar qualquer coisa, foi para casa e nunca mais pôs os pés na Universidade*”. Sem Cabral na liderança, coube a ele encabeçar as demandas acadêmicas e políticas do jovem e atuante grupo de antropólogos que compunham a equipe do novo “museu” – equipe composta pela “*nata*”, como contava Silvio ao relatar que Cabral “*escolhia*” sempre o melhor aluno ou aluna de cada turma para integrar sua equipe de assistentes na rígida formação que proporcionava. Foi assim com Silvio e com Anamaria Beck, Giralda Seiffert, Arluino Eberle, Luiz Carlos Halfap, Maria José Reis e Neusa Bloemer. Cabral não viu a criação do curso de Ciências Sociais nem a “*implosão*” do Instituto de Antropologia e sua incorporação ao departamento de Ciências Sociais, que seria dominado naqueles primeiros anos, em plena ditadura militar, por figuras radicalmente opostas a ele, fosse no plano intelectual, fosse no plano ético e político. Foram “*anos difíceis*”, como ele lembrava muitas vezes. Silvio lamentava, trinta anos depois, que eles – os jovens antropólogos do Museu Antropológico –, já na época integrados e atuantes na comunidade científica nacional e latino-americana, não tivessem percebido que eram um grupo de ponta na UFSC e criado, já naquele momento, um programa de pós-graduação em antropologia, como foi o caso das Engenharias, sob a forte liderança do Prof. Kaspar Stemmer, fundador dos cursos de engenharia e reitor com mão de ferro da UFSC nos “*anos de chumbo*”.

Num desses churrascos, soubemos, quase por acaso, por sua esposa Alair, sempre muito reservada, que fora ela a aprender um pouco melhor a língua kaingang e que, por isso, havia podido conversar com as mulheres, que não sabiam português. Evidentemente, Silvio, como os outros antropólogos de sua geração, havia produzido suas etnografias no diálogo e na troca afetiva e intelectual com sua esposa. Esta “*revelação*” só engrandecia seu trabalho em nossa visão feminista das ciências.

Os anos 1970, em plena ditadura militar, foram, no entanto, momentos marcantes para a história de Silvio, sobretudo pelo papel que ele viria a ocupar no processo de resistência e luta pela redemocratização da sociedade brasileira. Um de seus atos “*heroicos*” foi a realização de uma reunião da ABA em 1974 na UFSC. Com o apoio do então reitor e do próprio Ministério da Educação, Silvio consegue fazer uma reunião da então pequeníssima Associação Brasileira de Antropologia, que não se reunia desde o final dos anos 1960, após a promulgação do AI-5, devido às proibições de reuniões e encontros durante período ditatorial. A reunião de 1974 foi um marco no “*renascimento*” da ABA e na adesão a ela por parte dos antropólogos da “*nova geração*”, composta tanto por novos professores quanto por estudantes de pós-graduação em Antropologia que vieram em massa para este encontro. Previsto para acolher um pequeno grupo de antropólogos, o encontro recebeu um número impressionante de quase 200 pessoas e se tornou um marco na resistência política, na defesa dos povos indígenas e na reconstituição da ABA sob novos

parâmetros institucionais. Esta reunião foi muito lembrada nas comemorações dos 50 anos da ABA, em 2005, pois foi a partir dela que se reconstituiu o projeto acadêmico e político da instituição, que se caracterizou por uma surpreendente expansão e busca permanente de excelência intelectual e profissional, fazendo com que hoje as reuniões brasileiras de antropologia tenham públicos que beiram os 3.000 participantes.

Foi também na segunda metade da década de 70 que Silvio foi convidado para participar da *Reunião de Barbados*, que reuniu parte significativa dos antropólogos latino-americanos e se tornou um marco na denúncia dos genocídios indígenas no continente e no início de uma articulação internacional na defesa destes povos. Foi ali que ele conheceu antropólogos latino-americanos e passou a liderar uma rede composta por pesquisadores como os argentinos exilados no México Alicia Barrabas e Miguel Bartolomé. Estes e muitos outros etnólogos engajados com as lutas indígenas passaram a vir regularmente a Santa Catarina, acolhidos generosamente por ele em sua residência da praia. Foi também no bojo destas lutas que Silvio participou em 1977, em Porto Alegre, da criação da ANAI, associação de defesa dos povos indígenas, grupo que acabou tendo um forte apoio da ala progressista da Igreja Católica, vinculada à Teologia da Libertação. Silvio, no entanto, era ateu, fruto da educação comunista que havia recebido de seu pai, importante militante do *partidão* em Florianópolis, que lhe havia dado o gosto pela política e os ensinamentos de circulação entre várias esferas. Paradoxalmente, fora graças a seu pai e a suas múltiplas relações sociais que seu primeiro livro, fruto de suas pesquisas sobre os grupos indígenas de Santa Catarina, pôde ser liberado da censura da então polícia política. Chamado para depor no temível DOPS, ele ali foi inquirido sobre o “*perigo*” e a “*subversão*” de sua obra, que falava de genocídio indígena em Santa Catarina, por um delegado conhecido de seu pai, o qual acabou liberando-o das acusações que pesavam sobre ele e permitindo que o livro pudesse circular livremente, tornando-se um marco nos estudos sobre povos indígenas do sul do Brasil.

Na continuidade “*natural*” de seu interesse pelos destinos dos povos tradicionais em Santa Catarina, nos anos 80, suas pesquisas, sempre feitas em grupos que envolviam colegas e estudantes de graduação, voltaram-se para os efeitos sociais da construção das grandes barragens hidroelétricas no Estado, dedicando-se a estudar não apenas os grupos indígenas mas também os grupos de pequenos camponeses atingidos pelas barragens.

Nos anos 1990, seu interesse voltou-se para o campo da Antropologia Visual e foi com imensa dedicação que produziu alguns de seus livros mais marcantes, como o de imagens do contato e do extermínio de indígenas em Santa Catarina. Um outro ótimo livro deste momento recupera a incrível história do indígena levado para a França no início do século XVI, da Ilha de São Francisco, no norte do Estado de Santa Catarina. Ainda nesta série, produziu uma obra de referência sobre o desenvolvimento energético no Estado, mostrando os efeitos positivos e

negativos das grandes obras de desenvolvimento, o que constituía o tema central de seus questionamentos nos últimos anos de sua vida. Sobre esta “*última luta*”, lembramos seu testemunho na última aula que deu na UFSC, em abril de 2008, marcando o início das atividades do PPGAS neste ano, face a um auditório lotado de jovens estudantes emocionados com suas histórias, bem como a moção que enviou com o apoio de alunos do PPGAS-UFSC à Assembleia Geral da ABA em junho de 2008 em Porto Seguro, na qual questionava o Plano de Desenvolvimento Acelerado (PAC) do Governo Lula e suas desastrosas consequências para os povos tradicionais.

Apesar de aposentado, Silvio continuava frequentando regularmente o NEPI (Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas) na UFSC e foi a partir de 1999 que passou a receber uma série de reconhecimentos públicos por sua obra. Inicialmente agraciado com o título de Professor Emérito da UFSC, recebeu, entre outros, o título de Comendador da Academia Catarinense de Letras em 2000 e a Medalha Roquete Pinto da ABA em 2005. Seus últimos livros retomaram uma série de textos anteriormente publicados em revistas e jornais de grande circulação. Ele contava, brincando, como tinha sido a história do texto sobre um matador profissional de indígenas escrito nos anos 1970 para a revista *Playboy* e, com mais amargura, como tinham sido difíceis e muitas vezes sem eficácia seus artigos nos jornais catarinenses em defesa dos povos indígenas do Estado. Sua voz sobre este tema era, no entanto, ouvida e profundamente respeitada tanto entre seus pares na ABA quanto pelo Ministério Público de Santa Catarina. Em um de seus últimos artigos, defendia a causa quilombola em Santa Catarina, apoiando os jovens antropólogos que lutavam pelo reconhecimento do grupo de negros expulsos de suas terras na região central do Estado.

Dádivas e contradádivas

Permito-me agora contar um pouco da forma como convivi com Silvio, pois creio que meu encontro com ele não diz respeito apenas a uma relação individual e subjetiva, mas é exemplar do papel que sua geração teve para a constituição da antropologia brasileira contemporânea.

Lembro-me com nitidez da primeira vez em que o escutei e do impacto vertiginoso que teve em mim, jovem recém ingressada no curso de Ciências Sociais da UFRGS, em 1977. Tratava-se do seminário *Índio – Um sobrevivente*, realizado no auditório da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, na praça da matriz, em Porto Alegre. Das denúncias e da mobilização daquele seminário, surgiria a ANAI, influente organização não-governamental que marcaria o cenário da defesa dos povos indígenas, ao lado da ABA, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Caloura, ainda fazendo as disciplinas no então existente “curso básico”, queria ir o quanto antes para uma tribo indígena; e, junto com um colega da graduação, dirigimo-nos ao CIMI de Porto Alegre, cuja sede se localizava no alto de uma longa escadaria de uma Igreja no centro da cidade.

Ao chegarmos lá e expormos nosso desejo de ir para uma terra indígena, se possível já nas férias de julho que se aproximavam, recebemos um balde de água fria da pessoa que nos recebeu, dizendo-nos que “éramos muito jovens”, que deveríamos primeiro acabar a graduação para depois nos engajarmos nos trabalhos que o CIMI coordenava. Lembro que saímos cabisbaixos, desolados com o fim de nossos sonhos. Pensamos em escrever ao professor Silvio pedindo-lhe ajuda, pois naquele momento não havia etnólogos no departamento de antropologia da UFRGS, mas depois outros projetos e militâncias se tornaram mais prementes, como as lutas estudantis, a anistia e os movimentos libertários que vieram em seguida. Silvio havia despertado em nós não apenas o desejo de “conhecer o outro”, mas, sobretudo, o desejo de “engajar-se pelo outro”, marca da antropologia latino-americana deste período. Certamente, se estivéssemos fazendo Ciências Sociais na UFSC, Silvio nos teria acolhido em sua equipe de pesquisa e nos levado a campo, como já fazia na época e continuou fazendo até o final de sua vida com seus estudantes. A partir dessa experiência, aprendi o quanto um professor é fundamental na constituição de projetos de vida e no despertar de vocações e interesses por determinadas áreas de pesquisa, e também no desenvolvimento (ou não) de uma linha de pesquisa em uma instituição.

Uma década mais tarde, em 1987, voltei a cruzar com Silvio ao fazer concurso para a área de Métodos em Ciências Sociais no quadro da FURB, em Blumenau. Ele era um dos membros da banca e me disse, no final de minha aula, que “*gostaria de ser meu aluno*”, o que me deixou profundamente emocionada pelo peso que suas palavras representavam para mim. Foi graças ao nosso contato quando de sua presença na banca deste concurso que ele me chamou para atuar na UFSC, com bolsa de recém-doutora do CNPq.

Quando, em 1989, integrei o corpo dos professores do PPGAS/UFSC, Silvio, que estava na coordenação do curso, encarregou-me da edição do *Antropo-Dicas*, boletim que passei a fazer, com o apoio da então mestrandia Cristina Pelaez, no qual registrávamos o dia-a-dia institucional de nosso mestrado e que foi um marco na visibilidade do curso.

Já naquele ano, fui também envolvida, como todos os antropólogos da UFSC, na organização da 17ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), que se realizou em março de 1990, na então tradicional data de reunião da ABA, na semana santa. Esta reunião foi marcada pela bombástica medida do recém empossado presidente Collor com “congelamento” de poupanças e impedimento de se retirar dinheiro do banco. Tento lembrar hoje como foi possível fazer uma reunião literalmente “sem dinheiro”, façanha inimaginável hoje mas que só foi possível graças ao sangue frio e à agilidade política de Silvio na liderança da RBA, na época de Antonio Augusto Arantes na presidência da ABA. Recentemente encontrei a mexicana Teresa Rojas, que relembrou com emoção a reunião que antecedeu a RBA e a criação da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA) naquela ocasião, quando Silvio era “*o mais perfeito anfitrião*” em terras

catarinenses. Lembro-me dos fortes momentos acadêmicos, como a mesa de abertura no teatro do CIC sobre engajamento antropológico e o debate na Assembleia Final em torno da Farra de boi. Recordo-me também do clima de *communitas* que nos tomou naqueles dias; da lona de circo em frente ao Museu Universitário, que abrigava o famoso Bar do Arantes do Pântano do Sul, com seus maravilhosos peixes fritos com pirão; da edição do jornal *Antropo-Dicas*, que um grupo de alunos do PPGAS fazia com muita diversão nas madrugadas mal dormidas; do baile de encerramento no Clube Doze com a banda de Rafael Bastos e Silvia Beraldo. Momentos mágicos e felizes, fruto do ensinamento de Silvio de que eventos fortalecem nossa comunidade acadêmica a partir do compartilhamento de nossa produção intelectual e política, que inevitavelmente se faz também pelo encontro subjetivo de muitas pessoas, em busca de construção de redes e amizades.

Do brilhantismo desta reunião, seguiu-se sua candidatura à presidência da ABA, numa gestão articulada com o Paraná e o Rio Grande do Sul, representados pelas professoras Cecilia Helm e Claudia Fonseca. De sua gestão na presidência na ABA, de 1992-1994, aprendi também muito com ele, tanto na elaboração do Boletim da ABA, de cuja equipe participava, quanto nas inúmeras reuniões que promoveu em sua gestão e nas quais fazia questão de nos incluir a tod@s, como parte de seu projeto político.

Nesta época, Silvio me convidou para ministrarmos juntos a disciplina de Métodos de Pesquisa em Antropologia no PPGAS-UFSC. Seu reconhecimento e generosidade face a uma jovem professora que iniciava sua carreira universitária ainda ecoam em mim e me remetem a uma de suas marcas: a do respeito incondicional pelo saber de seus alunos, de seus colaboradores, de seus interlocutores. Em sala de aula, aprendi muito com sua experiência acumulada, sobretudo a escutar com atenção os alunos e suas demandas. Silvio, com todos os seus anos em sala de aula, nunca se colocava como o “dono do saber”, sempre acreditando genuinamente que os alunos tinham muito a nos ensinar, a compartilhar conosco e, sobretudo, a nos fazerem crescer pelas instigantes perguntas que traziam aos textos. Como trabalho final daquela disciplina, ele sugerira aos estudantes que fizessem entrevistas com os antropólogos de Santa Catarina, iniciando um novo campo de suas pesquisas, o da História da Antropologia no Sul do Brasil, ao qual ele viria a se dedicar uma década mais tarde.

Sou grata, sobretudo, ao intenso aprendizado com Silvio quando tive a honra de ser indicada à presidência da ABA, na gestão 2004-2006. Lembro-me bem de sua ligação telefônica, numa fria noite de inverno, para me consultar se eu aceitaria candidatar-me à presidência da ABA. Convencera-me por seus argumentos acerca da importância de trazer novamente a presidência da ABA a Santa Catarina e, assim, colaborar com o reconhecimento institucional e o prestígio de nosso grupo de colegas da UFSC. Silvio, como um dos “refundadores” da ABA em 1974, nas várias atividades que havia realizado no interior da associação e na presidência, era, junto com Roque

Laraia, um dos arquivos vivos da associação. Ambos sempre nos lembravam com prudência o que fazer em momentos tensos e difíceis, em geral em situações que exigiam enfrentamento com o Estado na defesa dos grupos desfavorecidos e marginalizados, que em minha gestão, como em outras que me antecederam, eram, em sua grande maioria, provenientes de grupos indígenas e quilombolas.

Dos ensinamentos de Silvio, os últimos foram, sem dúvida, ligados à sua luta contra o câncer, seu desejo imenso por viver e continuar produzindo. Sem pudores e com detalhes etnográficos, ele nos contava minúcias de seus tratamentos, dos hospitais e clínicas que frequentava, das questões humanas e científicas que aprendia ao buscar entender, como antropólogo que era, este novo campo de aprendizado em sua vida. A doença dura e avassaladora que o tomava era dissecada e reinterpretada como um novo espaço de saber e, sobretudo, de produção de novas redes de relações, de amizades e de companheirismo. Seu depoimento no início de 2008, quando da morte de Maria Ignez Cruz Mello, a MIG, brilhante ex-aluna do PPGAS, emocionou-nos a tod@s. Ele contava, com a densidade que o aprendizado antropológico lhe tinha dado, como se davam as trocas de saberes no interior do CEPOM, centro de tratamento de câncer, onde fazia a terrível quimioterapia, que o “destruía” mas que também lhe dava a esperança de “viver mais alguns anos” para ainda escrever o que tinha para dizer.

Muitas vezes ele nos encontrava em lamentos sobre o excesso de trabalho, sobre as milhares de coisas para fazer, e nos dizia que este era o “*sentido da vida que escolhemos*”, que não podemos escapar das “*demandas qualificadas*” que nos fazem, porque “*temos um compromisso ético e político com a devolução do que aprendemos*” e que é graças a nosso saber que “*o mundo pode mudar*”.

Ao fazer 70 anos, em julho de 2008, finalizara um último livro sobre a história de sua família, sempre no estilo das publicações de seus últimos anos, com muitas fotos e dados de arquivos – este livro é hoje sua última obra. E não posso deixar de lembrar o que nos ensinava ele a cada quinta-feira, quando vinha regularmente à UFSC para orientar sua equipe de estudantes de graduação e nos encontrávamos para tomar um café no bar do CFH: “*Para viver é preciso ter projetos*”. Acompanhamos de perto seu desejo de viver e a forma como concretizou isto, orientando jovens alunos recém ingressados na graduação, escrevendo e editando vários livros.

Penso agora: quantos projetos não tinha ele previstos e que vamos deixar de conhecer?

Com sua morte, perdemos o mestre, o amigo, o modelo. E agora? Damo-nos conta subitamente de que não o teremos mais a nos dar conselhos e a nos indicar formas de viver mais plenamente o *métier* antropológico, com suas obrigações, compromissos e responsabilidades sociais. Reanimando, sem cessar, o círculo maussiano do “dar, receber e retribuir”, ficamos agora com as obrigações que as dádivas recebidas de Silvio nos obrigam a retribuir e a dar continuidade a

seu legado e a seus ensinamentos através de sua memória e do compromisso com o engajamento permanente nas lutas daqueles que estudamos.

Referências bibliográficas

AMORIM, Maria Stella. **Roberto Cardoso de Oliveira: um artífice da antropologia**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

BLASS, Arno. **Caspar Erich Stemmer: administração, ciência e tecnologia**. Brasília: Paralelo 15/CAPES, 2002.

CORRÊA, Mariza & LARAIA Roque (orgs.). **Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 1992.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. *In* : **Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].

PEIRANO, Mariza. “Artimanhas do acaso”. *In*: **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995 (pp. 119-133).

Bibliografia de Silvio Coelho dos Santos

SANTOS, Silvio Coelho. **Ensaio oportunos**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/ Nova Letra, 2007.

SANTOS, Silvio Coelho; HELM, Cecília Maria Vieira; TEIXEIRA, Sérgio (orgs.). **Memória da Antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: Editora da UFSC/ABA, 2006.

ECKERT, Cornelia; GODOI, Emilia Pietrafesa de; SANTOS, Silvio Coelho dos. “A atuação da ABA diante das demandas sociais e políticas: a importância da reunião de 1974”. *In*: ECKERT, Cornelia (org.). **Homenagens: Associação Brasileira de Antropologia 50 anos**. Blumenau: Nova Letra, 2006 (pp. 63-69).

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Das coincidências na pesquisa e na produção antropológicas”. *In*: **Anais da Reunião de Antropologia do Mercosul – Montevideú**. Florianópolis: ABA, 2005.

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Homenagem pelos 100 anos de Nascimento”. *In*: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (org.). **Oswaldo Rodrigues Cabral na Historiografia Catarinense**. Florianópolis: IGHSC, 2005 (pp. 13-24).

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Comentário sobre a carta de Pontas das Canas”. *In*: LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Laudos Periciais Antropológicos em Debate**. Florianópolis: NUER/ABA, 2005 (pp. 59-62).

SANTOS, Silvio Coelho dos; NACKE, Aneliese. “La usina hidroeléctrica binacional Itaipú y los indios de Ocofí”. *In*: GRIMSON, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins; SEMÁN, Pablo (orgs.). **La Antropología Brasileña Contemporánea: contribuciones para un diálogo latinoamericano**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004 (pp. 55-70).

SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José (orgs.). **São Francisco do Sul – muito além da viagem de Gonville**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho; NACKE, Aneliese (orgs.). **Hidrelétricas e Povos Indígenas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

SANTOS, Silvio Coelho (org.). **Memória do Setor Elétrico na Região Sul**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Ética e trabalho de campo”. *In*: **Anais da 23ª. Reunião Brasileira de Antropologia**, Gramado, 2002.

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Notas sobre a presença indígena na ilha de Santa Catarina”. *In*: PEREIRA, Nereu do Vale (org.). **A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002 (pp. 81-91).

SANTOS, Silvio Coelho. “As hidrelétricas, os índios e o Direito”. *In*: REIS, Maria José; BLOEMER, Neusa M. S. (orgs.). **Hidrelétricas e Populações Locais**. Florianópolis: Cidade Futura/Ed. da UFSC, 2001 (pp. 19-38).

SANTOS, Silvio Coelho (org.). **Santa Catarina no Século XX: ensaios e memória fotográfica**. Florianópolis: Editora da UFSC/UNIVALI/FCC, 2000.

SANTOS, Silvio Coelho. “Notas sobre ética e ciência”. *In*: LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Ética e Estética na Antropologia**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1998.

SANTOS, Silvio Coelho. **Os Índios Xokleng**: memória visual. Florianópolis: UFSC, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho. “Notas sobre o deslocamento de populações indígenas em consequência da implantação de hidrelétricas na Amazônia”. *In*: MAGALHÃES, Sônia; BRITO, Rosyan; CASTRO, Edna (orgs.). **Energia na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1996 (pp. 689-696).

SANTOS, Silvio Coelho. “Constitución y violación de los derechos de los Pueblos Indigenas en el Brasil”. *In*: GRUMBERG, Georg (org.). **Articulacion de la Diversidad**. Quito: ABYA-YALA, 1995 (pp. 161-174).

SANTOS, Silvio Coelho. “Metodologia para o estudo de Projetos de Desenvolvimento e suas implicações políticas: o caso das hidrelétricas”. *In*: ARANTES, Antônio C.; RUBEM, G.; DEBERT, G. (orgs.). **Desenvolvimento e Direitos Humanos**: a responsabilidade do antropólogo. Campinas: Ed.Unicamp, 1992 (pp. 91-101).

SANTOS, Silvio Coelho. **Índios e Brancos no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1988. 2. ed.

SANTOS, Silvio Coelho dos. “Questionando a universidade que temos: subsídios para a revisão da estrutura da UFSC”. *In*: **Revista de Educação Brasileira**, v. 8, n. 17, 1986.

SANTOS, Silvio Coelho (org.). **Sociedades Indígenas e o Direito**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1985.

SANTOS, Silvio Coelho; ASPELIN, Paul. **Indian Areas Threatened By Hydroelectric Projects In Brazil**. Copenhagen: Iwigia, 1981.

SANTOS, Silvio Coelho dos. “In memorian de Oswaldo Rodrigues Cabral”. *In*: **Revista de Antropologia**, v. 22, 1975 (pp. 177-178).

SANTOS, Silvio Coelho dos. “A antropologia como ciência no contexto da Universidade em Santa Catarina”. *In*: **Anais do Museu de Antropologia**, n. 8, 1975 (pp. 125-134).

SANTOS, Silvio Coelho. **Ensaio sobre Sociologia e Desenvolvimento em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora EDEME, 1971.

SANTOS, Silvio Coelho. **Educação e Desenvolvimento em Santa Catarina**. Florianópolis:
UFSC, 1968.